

PEDRO MARTINS
ANTÓNIO REIS MARQUES

Agostinho da Silva em Sesimbra

PREFÁCIO
António Cândido Franco

POSFÁCIO
João Augusto Aldeia

zéfiro


Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por
qualquer processo à excepção de excertos para divulgação.
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

PROVENIÊNCIA DAS IMAGENS:

Páginas 40 e 141: Arquivo pessoal de Maria Antónia Vitorino

Página 102: Arquivo pessoal de António Reis Marques

Páginas 113 e 134: Arquivo do Grupo de Estudos Maria Cecília Correia

Páginas 117 e 118: Arquivo pessoal de Henryk Siewierski

Página 127: Arquivo pessoal de Maria Fernanda Farinha

TÍTULO

Agostinho da Silva em Sesimbra

AUTORES

Pedro Martins

António Reis Marques

PREFÁCIO

António Cândido Franco

POSFÁCIO

João Augusto Aldeia

EDITORES

Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª EDIÇÃO: Junho de 2017

ISBN: 978-989-677-150-8

DEPÓSITO LEGAL: 426 996/17

IMPRESSÃO: Manuel Barbosa & Filhos

© 2017, Pedro Martins, António Reis Marques & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.
Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal
EMAIL: zefiro@zefiro.pt

ÍNDICE

Prefácio	11
I. Agostinho da Silva em Sesimbra	15
Pedro Martins	
II. Testemunhos de um Sesimbrense	179
António Reis Marques	
Posfácio	201

SESIMBRA NA VIDA DE AGOSTINHO DA SILVA

Prefácio

Este livro é antes de mais um importante, embora localizado, subsídio para o conhecimento biográfico de Agostinho da Silva. Tem como fio condutor Sesimbra e a presença desta na vida do escritor. Sesimbra, vila piscatória entre Sado e Tejo, com uma localização privilegiada nas fraldas da serra da Arrábida e pergaminhos de antiguidade tão sérios que já Camões a respeita de subida forma, citando-a ao lado das mais importantes cidades do reino do século XII (canto III, 65), foi, de forma recorrente e em momentos diversos, um dos locais mais marcantes da vida de Agostinho da Silva.

Nascido num dos arrabaldes do Porto oitocentista, a Campanhã, criado para a vida física numa aldeia rude e rural da Beira transmontana e transfronteiriça, na confluência da água de dois rios, o Douro e o Águeda, Barca d'Alva, a que ficou para sempre ligado, a ponto de se querer aí nado e não apenas criado, e desperto para a vida do espírito no velho burgo da foz do Douro, onde frequentou a escola primária da Rua da Alfândega, o Liceu de Rodrigues de Freitas e por fim a primeira Faculdade de Letras, a de Leonardo Coimbra, veio depois Agostinho pela primeira vez instalar-se em Lisboa no ano de 1929, onde frequentou a Escola Normal Superior, a tal onde segundo as suas palavras *nunca tantos se juntaram para saberem tão pouco de coisa alguma*, e estagiou, no Liceu Pedro Nunes, ao cuidado do metodólogo Sá e Oliveira, que muito lhe ensinou, como professor do grupo de português e de latim.

Esta primeira estadia de Agostinho na cidade do Tejo foi porém só de pouca dura, pois logo em 1931, já casado com sua prima irmã Berta

David, obteve uma bolsa da recém criada Junta de Educação Nacional para ir prosseguir estudos na capital gaulesa, onde ficou até 1933, ao que parece muito de companhia com António Sérgio que lá estava exilado por via da grande bernarda que acontecera em Fevereiro de 1927 contra a novel ditadura militar. No seu regresso a Portugal, foi Agostinho ocupar um lugar de professor do quadro no Liceu Nacional de Aveiro, onde reencontrou António Salgado Júnior, seu antigo colega na Faculdade de Letras do Porto, e por onde ficou até a sinistra lei Cabral, em 1935, o surpreender à queima-roupa. Incapaz de se submeter a uma tal tacanhez atirou, numa atitude rara, que só ela dá a medida do gigantismo deste homem, o lugar às urtigas, mau grado a família que já constituíra e as poucas ou nenhuma posses de seus pais. Quem lhe valeu no transe difícil foi Joaquim de Carvalho, professor em Coimbra, antigo associado da Renascença Portuguesa e antigo editor de Agostinho na Imprensa da Universidade de Coimbra, que lhe desencantou nova bolsa, desta vez para Madrid, ao cuidado de Américo de Castro e do seu Centro de pesquisas. Os primeiros estampidos do golpe militar fascista no final da Primavera do ano seguinte voltam a empurrá-lo para Lisboa, onde se vem a dedicar ao ensino privado, no colégio Infante de Sagres, no bairro de Benfica, dirigido por Pavão Leal, um legionário de camisa verde com uma dose irreprimível de loucura, suficiente para integrar Agostinho no seu corpo docente. Deu-se ainda às explicações particulares e à obra escrita das biografias, que arrancam entre 1937 e 1938, e dos vários cadernos, em suas várias séries, que saíram do seu escritório da Palhavã entre 1940 e 1944.

Foi neste período que se deram os primeiros contactos de Agostinho com a vila piscatória de Sesimbra. No colégio de Benfica encontrou ele Orlando Ribeiro, que estava então a concluir a sua dissertação de doutoramento sobre a Arrábida, o que o obrigava a fazer muito trabalho de campo no espaço que vai de Sesimbra a Setúbal, para o que passou a ter a companhia de Agostinho, adepto entusiasta dessas e outras expedições pedestres. São proverbiais, em todos os momentos da sua vida, da infância aos últimos momentos, os passeios a butes deste homem. Por exemplo, no Brasil, na região de Itatiaia, onde viveu com Judite Cortesão entre 1948 e 1951, tinha por hábito andar quarenta quilómetros por dia. Este homem era um gigante, ou um pedagógico monstro como ele de si diz no *Caderno de Lembranças* (2006: 45) –

nada do que era normal lhe convinha. Pouco depois, decerto no quadro do Núcleo Pedagógico Antero de Quental, saído da cisão que aconteceu em 1939 na *Seara Nova*, regressou Agostinho a Sesimbra para aí fazer uma das suas memoráveis palestras na Sociedade Recreativa Sesimbrense, de que infelizmente ficaram poucas informações.

Não tardou que Agostinho se visse compelido a procurar um ar mais leve, menos pútrido e nefasto do que aquele que se fabricava no Portugal de Salazar. Partiu assim para a América do Sul em Novembro de 1944, num velho hidroavião que fez escala nocturna em Dacar e chegou no final do dia ao Brasil, onde ficou, com curtas interrupções, por mais dum quarto de século. No momento de regresso ao país natal, em Agosto de 1969, já depois da morte do sinistro homem que governou o país quatro décadas, Sesimbra voltou a cruzar-se na sua vida, quer porque lá estava agora a trabalhar e a morar com a família um dos seus jovens colaboradores de Brasília, António Telmo, quer porque uma das suas mais próximas amizades, Maria Violante Vieira, tinha casa na vila, onde vinha às temporadas esquecer diante do mar e da serra as canseiras administrativas que tinha por Lisboa. Desde esse momento até ao seu desaparecimento físico em Abril de 1994, num largo arco de vinte e cinco anos, nunca mais a presença de Agostinho se deixou de se fazer notar na vila do Atlântico. A sua relação com Sesimbra tocou pois momentos distintos da existência do escritor e foi até duma constância e regularidade quase milimétrica no último quarto de século da sua vida, deixando marcas sensíveis na sua obra.

O levantamento desta teia de relações, a sua exploração em pormenor e profundidade, é feito na primeira parte deste livro, a mais substancial e cheia, da autoria de Pedro Martins. Depois deste seu trabalho de pesquisa, vertido numa língua luxuosa e solar, que é um prazer soletrar, o tema, trabalhado com tal mestria e largueza de meios, parece exaurido. Mesmo que venham a surgir no futuro novos elementos hoje desconhecidos, sobretudo vindos algum novo espólio epistolar, o que pode muito bem vir a suceder, já que falamos de alguém que escrevia em pouco tempo milhares e milhares de cartas, o actual estádio de conhecimento da questão parece muito adiantado, por via da exumação dum conjunto de documentos que andavam esquecidos, como a estupenda epístola escrita no Verão de 1976 de Sesimbra para a memória do escritor Ruben



A., seu antigo explicando da Lisboa do início da década de 40 do século XX, ou como os linguados dados a lume por Agostinho na imprensa sesimbrense, em que se incluem os quatro envios de 1971. A estes elementos, junta-se a correspondência inédita que Pedro Martins soube apurar, mormente a que Agostinho trocou com António Telmo e com a filha deste, Anahi, aliás sua afilhada dilecta, e que tanta importância tem para a restituição da presença de Agostinho da Silva em Sesimbra e até para melhor se averiguarem as relações do escritor de *Herta, Teresinha e Joan* com essa figura também extraordinária e ilustre chamada Rafael Monteiro e que tanto marcou a vida sesimbrense do século XX.

Uma última palavra para a colaboração de António Reis Marques neste livro. António Reis Marques foi um dos que em 1969, na vila de Sesimbra, pela mão de António Telmo, seu vetusto amigo de juventude ao lado de Rafael Monteiro, chegou à fala com Agostinho da Silva. O convívio entre os dois alargou-se a partir daí, a ponto de podermos dizer que Reis Marques foi um dos amigos próximos de Agostinho nas décadas finais da sua vida, o que não vale evidentemente para o primeiro subscritor deste livro, Pedro Martins, que só conheceu Agostinho de raspa já nos meses finais da vida do grande escritor, na entrevista que lhe fez para uma publicação sesimbrense, *Raio de Luz*, com António Ladeira e José Pedro Xavier.

As recordações que ficaram a Reis Marques do convívio com personagem tão singular não podiam deixar de ser das mais curiosas e das mais significativas para um melhor conhecimento da atmosfera em que este homem viveu. Houve o acaso feliz da sua passagem à escrita. É pois esse acervo que aqui fica na segunda parte deste livro, distribuído em dois textos de bom recorte e límpida expressão, que são um memorial agostiniano de curiosidades e de casos, todos notáveis, como esse relato pícaro e humaníssimo sobre os esfomeados gatos vadios da airada vida de Sesimbra e do amor desinteressado que este grande espírito lhes votava, vindo de propósito de Lisboa com marmitas e sacos para os alimentar. Homens desta fibra não morrem e são credores para sempre dos vivos. Assim o sabem os autores deste livro.

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

